

INFORME MENSAL

A.H.J.B

Ano 4 - Setembro de 2012 Nº 34
Edição do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro
EDITOR: Samuel Belk

Neste número

- 1-Rabeinu Tam
- 2-Rede de Escolas Anne Frank-
- 3-Caminhos do Envelhecimento
- 4-Aracy de Carvalho G. Rosa
- 5-Nós Mudamos
- 6-A Família Cipis
- 7-Momentos de Música Brasileira
- 8-Acervo do Clube das Vovós da CIP
- 9- A Vitória Final
- 10-Voluntários

Rabeinu Tam

Itzik Manger (1.901, 1.969), nasceu na cidade de Czernovitz, Ucrânia, poeta judeu dramaturgo e novelista, escreveu as Canções do Pentateuco, onde retrata, com humor, figuras patriarcais, como judeus contemporâneos e as Megile Líder, onde transforma a história de Ester em dramas líricos.

Quem teria sido o Rabeinu Tam, título de sua canção, em que ele faz humor com um rabino e retira sua responsabilidade pela letra da canção, feita num sábado, quando se comete pecado trabalhando e atribui esta obra a um terceiro?

Sabemos que Manger lidava com personagens patriarcais e históricos. Recorremos a Umberto Eco que, em seu livro, “O Signo dos Três”, citado pelo professor Izidoro Blikstein (Revista USP, n.13/14-1994), mostra como a “detetivesca” ciência dos signos, índices e símbolos nos oferecem as grandes chaves para desvendar os enigmas do comportamento humano.

A palavra “Tam”, em ídiche significa “tolo”. Em hebraico significa “perfeito”. Parece que Manger não pretendia classificá-lo como tolo nem como perfeito, deixando em aberto a ambiguidade.

Rememorando nossa história e recuando para o século XII, encontramos o famoso personagem histórico: Rabeinu Tam, Jacob Ben Meir Tam, isto é, Nosso Mestre Perfeito, (1100-1171) que morou em Ramerupt (França), até sua casa ser destruída pelos cruzados em 1147.

Mudou-se depois para Troyes onde em 1160 liderou a primeira conferência de rabinos. Foi a mais importante autoridade rabínica da França em sua época. Escreveu também sobre gramática e interpretação da Bíblia, além de compor poemas litúrgicos.

O segundo nível das estruturas narrativas é o amor da rainha da Turquia, declarado por meio de uma cartinha em sua canção, trazida pelo pavão dourado. No nível das estruturas discursivas, as posições assumem a forma dos seguintes temas: ódio e perseguição contra os judeus e destruição de comunidades judaicas.

Estes temas ocorreram exatamente na época em que viveu o rabino Jacob Ben Mair Tam, o famoso Rabeinu Tam, objeto da canção de Itzik Manger.

Em maio de 1171 na cidade francesa de Blois, acusaram os judeus de ter assassinado uma criança cristã e atirado o corpo no Rio Loire. Foi a primeira acusação de assassinato ritual na Europa Continental. No dia 26 de maio de 1171 (correspondente ao dia 20 de Sivan de 4931) 32 judeus, dos quais 17 eram mulheres, foram queimados na fogueira.

Ao ouvir a trágica notícia, a maior autoridade da época, o rabino Jacob Ben Meir Tam declarou o dia da execução, o vigésimo dia de Sivan, como dia de jejum perpétuo.

Nessa ocasião, além de dois relatos em prosa, em hebraico, foram compostas também várias *selichot*¹ Em reunião do Conselho Judaico da Polônia realizado em Lublin, em 1650, os conselheiros e toda a sua descendência comprometeram-se a jejuar todos os anos no dia 20 do mês de *Sivan*, em razão também de outro acontecimento ocorrido quase quinhentos anos mais tarde, e no mesmo dia 20 de *Sivan*.

Em 1648, na Polônia e na Ucrânia, ocorreu uma onda de *pogroms* promovidos por cossacos, comandados por Bogdan Chmielnitzky, nos quais

Selichot é uma-poesia litúrgica (tipo especial de Piyyut) em que se pede perdão pelo pecados cometidos e misericórdia a Deus. Elas foram escritas especialmente para os dias de jejum, que eram dedicadas à oração e súplica.
Piyyut é uma forma de poesia litúrgica hebraica, criada na Palestina entre os anos 300 e 500.

centenas de comunidades judaicas foram devastadas e milhares de judeus mortos, muitos vendidos como escravos e privados de seus bens. Segundo Yerushalmi, (1992) o poder de uma prática comemorativa como o jejum do vigésimo dia de *Sivan* serviu para preservar a memória essencial de um acontecimento, sem necessariamente preservar seus detalhes históricos, assim considerados como um enfoque sobre o funcionamento da memória judaica na Idade Média, quando prevaleceu mais a memória do que a história.

Rede das escolas públicas “Anne Frank” terá orientação do AHJB

As escolas públicas que levam o nome de Anne Frank criaram, em parceria com a CONIB, a FISESP, a ONG Anne Frank House de Amsterdã, uma rede que tem por objetivo proporcionar ações que reflitam os valores de paz e tolerância, combatendo o antissemitismo e o racismo em todas as suas manifestações.

Para marcar o início da parceria, de 16 a 22 de julho, as diretoras das escolas Anne Frank de cinco estados brasileiros (SP, RJ, RS, MG, TO), o subsecretário de Educação do Estado de São Paulo, Rubens Antonio Mandeta, Nanette Koning, sobrevivente do Holocausto e amiga na juventude de Anne Frank e juntamente com representantes das instituições envolvidas: Karen Didio Sasson da CONIB, Alberto Milkewitz da FISESP, Lucia Chermont do AHJB, Joelke Offringa da Plataforma Brasil-Holanda, viajaram para Amsterdã.

Na viagem foram apresentados os programas educacionais e os projetos desenvolvidos pela Anne Frank House e foram incluídos na programação os sítios judaicos da cidade, tais como: o Museu Judaico, a sinagoga Portuguesa e o Museu da Resistência entre outros.

A viagem foi muito produtiva. A Rede Anne Frank, com as escolas e com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo voltaram com projetos, idéias e muito trabalho a serem realizados. O AHJB voltou bastante enriquecido com a viagem e orientará as atividades educativas que surgirem destas parcerias.

Caminhos do Envelhecimento

No dia 21 de agosto, na Livraria da Villa, foi lançado o livro de autoria de Edith Hojda, “Caminhos do Envelhecimento” encomendado pela Sociedade Beneficente Israelita Brasileiro Albert Einstein. Ela pesquisou casos emblemáticos no tratamento dedicado aos idosos em diversas

culturas e em diferentes momentos históricos, observou o papel reservado aos velhos na comunidade judaica e entrevistou residentes do RIAE Residencial Israelita Albert Einstein para extrair deles suas vivências e memórias.

Edith é graduada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia da USP e mestre e doutora, cuja tese de mestrado teve como tema “A Imigração dos Judeus Poloneses de São Paulo”.

Sua tese de doutorado versou sobre a “Escola Judaica, Integração Social e Preservação Cultural”. Ela é também palestrante e docente tendo ministrado conferências e aulas em diversas Universidades nas áreas de Sociologia e Antropologia. A leitura desta obra permite compreender as variações históricas e culturais no tratamento dedicado ao idoso no próprio conceito de ser velho.

Ela oferece subsídios e faz um convite para a reflexão sobre um período vivenciado por todos tanto como acompanhantes do processo de envelhecimento de pessoas próximas quanto na condição de protagonistas.

Aracy de Carvalho Guimarães Rosa

Aracy de Carvalho Guimarães Rosa (1908- 2011) foi uma poliglota brasileira que prestou serviços ao Itamaraty, tornando-se a segunda esposa do escritor João Guimarães Rosa.

Aracy também é conhecida por ter seu nome inscrito no Jardim dos Justos entre as Nações, no Museu do Holocausto (Yad Vashem), em Israel, por ter ajudado muitos judeus a entrarem no Brasil durante o governo de Getúlio Vargas.

Ela é uma das pessoas homenageadas no Museu do Holocausto de Wallenberg.

Paranaense, nasceu em Rio Negro, e ainda criança foi morar com os pais em São Paulo. Em 1930, Aracy casou com o alemão Johan Von Tess com quem teve o filho Eduardo Carvalho Tess, mas cinco anos depois se separou, indo morar com uma irmã de sua mãe na Alemanha.

Por falar quatro línguas (português, inglês, francês e alemão), conseguiu uma nomeação no consulado brasileiro em Hamburgo, onde passou a ser secretária da Secção de Passaportes.

No ano de 1938, entrou em vigor, no Brasil, a Circular Secreta 1.127, que restringia a entrada de judeus no país. Aracy ignorou a circular e continuou preparando vistos para judeus, permitindo sua entrada no Brasil. Como despachava com o cônsul geral, ela colocava os vistos entre a papelada para as assinaturas. Para obter a aprovação dos vistos, Aracy simplesmente deixava de pôr neles a letra J, que identificava quem era judeu.

Nessa época, João Guimarães Rosa era cônsul adjunto (ainda não eram casados). Ele soube do que ela fazia e apoiou sua atitude, com o que Aracy intensificou aquele trabalho, livrando muitos judeus da prisão e da morte.

Aracy permaneceu na Alemanha até 1942, quando o governo brasileiro rompeu relações diplomáticas com aquele país e passou a apoiar os aliados. Seu retorno ao Brasil, porém, não foi tranquilo. Ela e Guimarães Rosa ficaram quatro meses sob custódia do governo alemão, até serem trocados por diplomatas alemães. Aracy e Guimarães Rosa casaram-se, então, no México, por não haver ainda, no Brasil, o divórcio. O livro de Guimarães Rosa "Grande Sertão: Veredas", de 1956, foi dedicado a Aracy.

Sua biografia inclui também ajuda a compositores e intelectuais durante o regime militar implantado no Brasil em 1964, entre eles Geraldo Vandré, de cuja tia Aracy era amiga.

Aracy enviuvou no ano de 1967 e não se casou novamente. Sofria de Mal de Alzheimer e morreu no dia 3 de março de 2011 em São Paulo, de causas naturais, aos 102 anos (Origem: Wikipédia)

Nós mudamos

Sholem Aleichem

A

Na América existe o costume de se mudar, o que significa transferir-se de uma residência para outra ou de um negócio para outro.

Cada um precisa mudar. Não que se vai mudar de boa vontade, para melhorar o padrão de vida ou para ter mais aposentos para os filhos, mas obrigam-te mudar. Se você não pagar o aluguel você estará sendo despejado.

Isso significa que você foi gentilmente forçado a se mudar.

Por isso não se deve admirar se perguntam quando você vai mudar? E você tem que responder.

B

Meu irmão Eliáu levou uma repreensão de nosso cliente que obtém toda semana em nossa barraca uma caixa de fósforos, gratuitamente.

Aqui na América se distribuem fósforos de graça, não é preciso esperar para receber. Vai e se apanha-sozinho.

O cliente que eu lhes apresento é um homem esquisito. Vale a pena descrevê-lo. O que ele é e quem ele é, ainda não sabemos. Nem onde mora e nem sua profissão. Parece que também não é um homem rico. Isso vê pelo deteriorado casaco, que ele nunca troca, pelo chapéu gasto e pelos seus sapatos remendados.

Ele, na certa, é um homem meticoloso. Ele vem todo dia, na mesma hora em nossa barraca, apanha o diário matinal e o lê da primeira até a última página. Comprar ele nunca comprou de nós nada, além de pegar gratuitamente uma caixa de fósforos de graça. Por ler todos os dias o jornal provavelmente deixou meu irmão nervoso.

Uma vez esperteza e outra vez esperteza fez com que meu irmão lhe fizesse uma exigência: Isso custa um penny. O cliente dá uma olhada põe o jornal no mesmo lugar onde estava e se vai tranquilamente embora

C

Neste ponto, o conto de "Motl Peissi na América" ficou incompleto. "Nós Mudamos" foi o último capítulo e as últimas linhas que Sholem Aleichem escreveu para nós, antes de se ir, já deitado doente na cama.

Ele estava preparando o capítulo C que ficou completamente em branco.

Assim o cliente desconhecido e sem nome ficou também totalmente desconhecido. Depois disso, o panorama e o tipo de vida dos judeus do shteitl, descritos por Sholem Aleichem ficaram trancados para a literatura ídish.

Antes falecer ele já tinha escrito o seu testamento, nomeando seus bens e seus herdeiros.

Ele também escreveu em vida o epitáfio para seu túmulo:

Aqui jaz um judeu comum,

Escreveu idish-daitsh para as mulheres,

*E para o povo simples
Era um escritor humorista.
Em toda sua vida sorriu,
E quando o povo sorria
E costumava se alegrar,
Ele padecia- Isso só Deus sabe
Em segredo, para ninguém ver
Todo mundo passava bem
E ele, coitado sempre com problemas.
Brigava com as forças da natureza,*

A família Cipis

Milton Cipis

Os Tsipes (forma que se pronunciava-se Cipis, antigamente) são originários de Machnovka (Mashnivke – em idish), um pequeno “shtetl” no interior da Ucrânia, que na época pertencia ao império Russo. Meu trisavô saiu de Machnovka para abrir com um sócio, uma taberna em Berditchev, uma cidade maior próxima da aldeia natal. Alguns anos depois, quando os negócios deixaram de ir bem ele mudou-se com a família para Odessa, nas proximidades do Mar Negro. Para ajudar a família, o jovem Iacov Zeidl Tsipes, meu bisavô nascido em 1852, foi trabalhar numa fábrica de charutos. Odessa era uma cidade grande com uma vida cultural agitada, e ele logo ficou fascinado pelo teatro. Ele juntava centavos para poder ir assistir às peças, e quando não conseguia entrar, brigava com todos e assim acabou ficando conhecido pelo pessoal da área.

Nesta época, Idel Goldfaden, irmão de Avram Goldfaden (considerado o fundador do teatro idish moderno), mudou-se para Odessa. Idel era relojoeiro de profissão, mas contaminado com o projeto do irmão, dedicou-se ao teatro fundando uma trupe. Nela participaram, entre outros, Savsai, que depois virou diretor de teatro, Bine Abramovitch, que se transformou numa atriz famosa do teatro idish, Ite Foigl, uma jovem atriz e cantora que adotava o pseudônimo de Aneta, além do próprio Iacov-Zeidl. Eles levaram a peça “Ni bé, ni mé, ni cucurigo”, e depois do sucesso desta “A Noiva Muda”, ambas de Avram. E assim, para desgosto do velho Tsipes, o jovem Iacov se tornou um ator.

Ite Foigl era de uma família rica, filha de um importante alfaiate-militar que fazia uniformes para o comandante czarista. Em algum momento houve a troca do comando militar, e o novo

comandante, antissemita, armou um plano para desmoralizá-lo e trocar de fornecedor. Vestiu os soldados pequenos com os uniformes grandes, e os grandes com os pequenos. O pai de Ite não suportou a humilhação e morreu pouco tempo depois. Sozinha e sem ter como sustentar a família, a mãe de Ite permitiu que ela fosse trabalhar no teatro como cantora, apesar de achar que a convivência com os atores não era boa coisa. Dizem que Ite cantava como um passarinho. Ela ajudou a sustentar a mãe e os irmãos por algum tempo, até a mãe conseguir viver de pequenos negócios. Quando ela quis tirar a filha da companhia de teatro, já era tarde. Ite e Iacov se apaixonaram e casaram contra a vontade dos pais, e seguiram juntos a profissão de ator, considerada maldita na época.

Depois de passarem por muitas trupes, inclusive a de Avram Goldfaden, o fundador do teatro idish, eles formaram uma trupe familiar junto com os filhos, genros e noras. Usavam o pseudônimo Cipkus. No alfabeto Cirílico o “P” tem som de “R”, e o pseudônimo era lido como CIRKUS.

A família Cirkus percorria a Europa oriental de carroça, alugando pequenos salões e montando seus espetáculos. Na época, permeando as fronteiras oficiais entre os países, existia um imenso país virtual de língua ídish, uma espécie de Idishland, com língua, cultura, religião e costumes próprios. É por este país virtual que os Tsipes zanzavam fazendo o seu teatro mambembe em ídish. Eles conheceram e atuaram com quase todos os personagens importantes do teatro idish europeu.

Nem sempre o teatro idish era tolerado pelas autoridades czaristas, e para contornar isto os Tsipes recorriam a alguns estratagemas. Deixavam números ensaiados com canções russas, que eram imediatamente entoadas no palco e pelo público depois de dado o alarme, quando algum inspetor invadia o teatro. Outras vezes recorriam a propinas para poder obter as licenças necessárias.

Desta época, Zina Rapel, minha tia avó, filha mais velha de Iacov e Ite, deixou muitas histórias numa biografia escrita em 1944 pelo jornalista argentino Nechemias Zucker.

Numa delas, Zina conta que, certa vez, em Vinitze, na Rússia, a trupe encenou a peça para uma só pessoa. Ocorre que a prostituta da cidade apareceu para ver o espetáculo, e as mulheres presentes fizeram um escândalo para expulsá-la. Meu bisavô

disse a todos que o teatro não podia expulsar quem havia pago para assistir ao espetáculo, mas que quem quisesse passar na bilheteria e receber seu dinheiro de volta ficasse à vontade. Uma por uma as mulheres se retiraram, seguidas por seus maridos submissos. Não deu outra. A prostituta se aboletou sozinha na plateia, e o espetáculo continuou...

Em outra ocasião, Zina viajava sozinha de Varsóvia para Sinferpol para se encontrar com o marido, o produtor teatral Leizer Rapel. Naquela época ela já era uma atriz conhecida, e eles viviam bem. Ela partiu num trem expresso internacional, que possuía apenas a primeira classe. Na hora do almoço, quando se dirigia para o vagão refeitório, foi abordada por um homem de alta estatura, numa farda militar cheia de condecorações, que a convidou gentilmente para almoçar na sua cabine, junto com outros oficiais e suas esposas. Sua cabine era na verdade um rico salão, com champagne e licores servidos à vontade.

O grupo começou a cantar canções russas, e foram acompanhados pela Zina, com sua magnífica voz. Quando chegaram a Sinferpol se despediram e o homem alto lhe entregou seu cartão de visitas. Zina correu para Leizer Rapel, que a esperava na plataforma. Leizer perguntou quem era o oficial que a acompanhou para fora do trem, e como ela não soubesse responder, entregou a ele o cartão que já estava amassado em sua mão. Leizer ficou lívido! O cartão tinha o braço czarista. O homem alto era o czar Nicolai Nicolaievitsh Romanov...

Quase todos judeus da Europa oriental frequentavam os espetáculos teatrais, pois era uma rara oportunidade de entretenimento e diversão. Os fãs do teatro iam desde os judeus ricos até os personagens do submundo judaico. Só os ortodoxos não entravam nos teatros.

A imensa e virtual Idishland foi desmantelada durante a 2ª guerra mundial. Em 14 de julho de 1941, Machnovka foi capturada pelos alemães. Dos judeus moradores de lá, 835 foram levados para floresta de Zhezhlevsk, a 5 km de lá e obrigados a cavar um imenso buraco, onde foram fuzilados. Os mais ou menos 100 judeus que sobraram foram confinados num campo, nas imediações. Eles eram artesãos úteis para a guerra. Em dezembro de 1942 os últimos 7 sobreviventes deste grupo foram

assassinados. Não sei quantos Tsipes haviam por ali naquela época. Em 1941, os meus Tsipes já haviam virado Cipis, e viviam em São Paulo. Apesar de serem intelectuais de esquerda, eles emigraram para o Brasil em 1919, após terem apoiado e vivido a revolução de 1917, por causa do clima hostil contra os judeus. Vieram para cá a metade da família: o Iacov-Zeidl, a Ite, o Shaike (segundo filho do casal) com sua mulher Sheive e o Mily (meu avô e quarto filho) com minha avó Rosa. Todos eles eram atores.

Zina Rapel, que tinha se tornado uma grande prima dona, mudou-se para a Argentina, junto com as suas três filhas, Cili Tex (filha do seu primeiro marido Marcus Tex), Ester Rapel e Ange Rapel (filhas do seu segundo marido, Leizer Rapel). Além deles mudou-se pra lá também Meri Gutovitsh Marco, a irmã caçula de Zina, casada com o ator Gutovitsh.

Rapel morreu em Varsóvia. Cili casou-se com o ator Natan Klinger, Ester com Zalman Hirshfeld, também ator. Ange casou-se com o bailarino Adolf Guedisman, que era maître de um restaurante para sobreviver. Todos eles viveram na Argentina. Malvina Rapel, filha do primeiro casamento de Leizer, emigrou para os Estados Unidos.

Fanny Cipkus Iakubovitsh, a terceira filha de Iacov e Ite, casou-se com o escritor Leon Iakubovitsh, e não sei ao certo, mas acho que permaneceram na Rússia. Outros dois filhos de Iacov e Ite morreram crianças de escarlatina, Isrul e Braindele Kosak (cujo nome saiu do título de uma peça de Goldfaden que a trupe estava encenando).

Meu avô Mille foi um grande ator, morreu de cirrose hepática em 1939. Ele adorava uma vodca. Vivia de fazer teatro em São Paulo para a pequena população de judeus. De vez em quando viajava para o Rio, Recife e Buenos Aires para atuar. Mesmo sem ter um emprego fixo, ele saía todas as manhãs religiosamente, e voltava no final do dia, ou quando encenava no final da noite. Meu pai, Boris, achava que ele ficava num boteco enchendo a cara com amigos.

Eles viviam num pequeno quarto de um cortiço da Rua da Graça, no Bom Retiro, com cozinha e banheiro coletivos. Meu pai lembra-se de atores frequentando o cortiço, bebendo, conversando e cantando em idish. Apesar da vida miserável ele sentia o maior orgulho dos pais artistas.

Meu pai participava do grupo de teatro amador da chamada “Casa do Povo”, e chegou a ganhar um Prêmio Governador do Estado das mãos do Jânio Quadros, pelo trabalho como diretor de teatro. Alguns artistas colegas seus, oriundos do mesmo grupo de teatro, foram posteriormente trabalhar na TV: Elias Gleiser, Berta Loran e Riva Nimitz, entre outros.

Recentemente, pesquisando na internet, encontrei muitos Zips, Tsipis, Cipes, Cypis e outras variações das possíveis traduções do nosso sobrenome, espalhados pelo mundo. Alguns originários de Machnovka, outros da Polônia. Possivelmente são parentes distantes, descendentes dos antepassados do velho taberneiro Tsipes, que não guardamos o nome. Também não sabemos nada dos irmãos de Iacov-Zeidl e de Ite Foigl. Nem os nomes nem o paradeiro.

Momentos de Música Brasileira

Foi lançada a terceira edição do livro "Momentos de Música Brasileira" de Léa Vinocur Freitag, diretora do AHJB, com prefácio do grande compositor Camargo Guarnieri. O livro, com 23 ilustrações aborda a evolução do nacionalismo musical, a canção brasileira, os pioneiros no Brasil e estuda também Antônio José da Silva, o Judeu, autor de modinhas, além de compositores de origem judaica na música brasileira.

Acervo do Clube das Vovós da CIP

O Arquivo Histórico Judaico Brasileiro - AHJB foi consultado pelo departamento de assistência social da Congregação Israelita Paulista – CIP para orientar na organização e catalogação do acervo fotográfico do Clube das Vovós e das outras atividades do departamento, que será executado por uma jovem contratada pela CIP.

No dia 06/08/2012 vieram ao AHJB, Claudia Donegá, coordenadora do departamento de serviço social, Débora Sór, assistente social e Hiasmim Batista jovem aprendiz da CIP, para conhecer os trabalhos realizados e o processamento técnico da fototeca do AHJB.

Depois no dia 16/08/2012 foram à CIP, Lucia Chermont, coordenadora de atendimento e pesquisa e Solange Souza, consultora arquivística do AHJB para conhecer o acervo fotográfico do departamento de assistência social da CIP e orientar a execução do trabalho. Na ocasião foi feita a doação de alguns

documentos e do livro “Sessenta Anos de Sabor e Amor, receitas do Clube das Vovós Lotte Pinkuss” publicado pela CIP em 2012.

O AHJB agradece o reconhecimento pelo seu trabalho, se sente enriquecido pela parceria e gostaria de reafirmar seu papel como guardião permanente da documentação da comunidade judaica.

A Vitória Final

É um documentário israelense sobre o engenheiro Felix Zandman, das Indústrias Vishai, que revolucionou a fabricação de equipamentos com sua invenção que permitiu miniaturizar aparelhos eletrônicos.

O filme foi trazido de Israel pela participante do Núcleo de História Oral do AHJB, senhora Flor Schivartche.

A filмотeca do Arquivo forneceu uma cópia do filme para a Entidade Femenina Wizo, que o apresentou em duas sessões, lotadas e que despertou grande interesse e emoção por parte do público.

Voluntários

O AHJB está admitindo voluntários para seu Departamento de Música, Discoteca, Filмотeca e para o Informe Mensal. Contatos com o editor pelo E mail: belk@uol.com.br

Colaboradores

Myriam Chansky, Maria Theodora Barbosa, Léa Vinocur Freitag, Lucia Chermont, Rebeca Belk, Sueli Epstein, Anete Cenciper e Hadasa Cytrynowicz (correspondente de Los Angeles).

Edição extraordinária: Seis páginas.

Tiragem: 900 exemplares, sendo 250 impressos e 650 digitais.

Todos os números anteriores do Informe se encontram no Site do Arquivo.

Para receber o Informe Mensal e constar de nossa mala direta envie-nos seu E mail.

Arquivo Histórico Judaico Brasileiro Presidente: Mauricio Serebrinic

Rua Estela Sezefreda, 76- Tel. 3088-0879 2157-4121

E mail: ahjb@ahjb.org.br

Site: www.ahjb.org.br

Distribuição gratuita